

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DA LITERATURA TOCANTINENSE EM ERA UMA VEZ... NA BARRA DA AROEIRA, DE IRMA GALHARDO

Valdivina Telia Rosa de Melian¹

Rubens Martins da Silva²

Janaína Senem³

Resumo: Este artigo analisa a relevância da literatura tocantinense no contexto cultural e educacional, tomando como objeto de estudo o conto *Melancia e Coco Doce*, integrante da obra *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, de Irma Galhardo. Parte-se do pressuposto de que a literatura, enquanto prática social e estética, contribui para a formação do leitor literário crítico, além de fortalecer a identidade cultural local. O estudo fundamenta-se em aportes teóricos de Roland Barthes, Jean-Paul Sartre, Antonio Candido e Rildo Cosson, que evidenciam o papel humanizador e formador da literatura. Discute-se, ainda, a conceituação e a caracterização da literatura tocantinense como expressão cultural territorializada, capaz de dialogar com o universal sem perder sua identidade. A análise do conto evidencia a presença de intertextualidade com a tradição da literatura de cordel, elementos do romantismo e a alternância entre verso e prosa, recursos que aproximam a narrativa da oralidade e da memória coletiva. Conclui-se que a inserção da literatura tocantinense no contexto escolar, conforme orientações curriculares, potencializa o letramento literário e promove o reconhecimento do pertencimento cultural, contribuindo para uma formação leitora sensível, crítica e contextualizada.

Palavras-chave: Literatura tocantinense; Letramento literário; Ensino de literatura.

Abstract: This article analyzes the relevance of Tocantins literature in cultural and educational contexts, taking as its object of study the short story *Melancia e Coco Doce*, from the book *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, by Irma Galhardo. It assumes that literature, as a social and aesthetic practice, contributes to the formation of a critical literary reader while strengthening local cultural identity. The study is grounded in the theoretical contributions of Roland Barthes, Jean-Paul Sartre, Antonio Candido, and Rildo Cosson, who highlight the humanizing and formative role of literature. It also discusses the concept and characterization of Tocantins literature as a territorialized cultural expression capable of dialoguing with the universal without losing its identity. The analysis of the short story reveals intertextuality with the cordel tradition, elements of Romanticism, and an alternation between verse and prose, features that bring the narrative closer to orality and collective memory. The study concludes that the inclusion of Tocantins literature in the school context, in accordance with curricular guidelines, enhances literary literacy and fosters recognition of cultural belonging, contributing to the development of sensitive, critical, and context-aware readers.

Keywords: Tocantins Literature; Literary literacy; Literature teaching.

¹ Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0799218625942835>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3334-497X>. E-mail: valdivinatelia@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor efetivo da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>. E-mail: rubens.ms@unitins.br

³ Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907374226996446>. ORCID: 0000-0002-1551-0172. E-mail: janaina.s@unitins.br

A luta gravou o recado: CO YVY ORE RETAMA, o povo
nortense reclama, e contra um clamor coletivo nada e ninguém
há que possa, pudemos bradar com orgulho: ESTA TERRA É
NOSSA!

Galhardo (2012)

Introdução

A literatura pode ser compreendida como uma prática transgressora, pois, enquanto produto social, ultrapassa fronteiras históricas, culturais e simbólicas, manifestando-se de forma plural e multifacetada. Nesse sentido, este estudo propõe a análise do texto *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, de autoria de Irma Galhardo (2023), obra representativa da literatura tocantinense, a fim de evidenciar sua relevância no contexto cultural e educacional.

O objetivo geral deste trabalho consiste em demonstrar a importância da literatura tocantinense no cenário cultural local e nacional. Como objetivos específicos, busca-se: (1) analisar a relevância do ensino da literatura tocantinense no contexto escolar; (2) apresentar os resultados da análise do conto selecionado da obra em estudo; e (3) evidenciar a diversidade estética e a complexidade simbólica dessa produção literária. Parte-se da hipótese de que a literatura tocantinense deve integrar as práticas pedagógicas tanto como instrumento de fruição estética quanto como meio de formação do leitor literário crítico, consciente e conhecedor da cultura local.

Ao considerar a literatura como prática social, cultural e formativa, este estudo dialoga com pressupostos teóricos que compreendem o texto literário como espaço de humanização, reflexão e construção de sentidos. Assim, a investigação não se limita à análise estética da obra, mas amplia-se para a compreensão do papel da literatura regional na formação do leitor e na valorização da identidade cultural. Desse modo, ao analisar a narrativa de Irma Galhardo (2023), busca-se também reafirmar a necessidade de inserir a

literatura tocantinense no contexto escolar, fortalecendo o letramento literário e o reconhecimento do pertencimento territorial por meio da leitura.

Problematização teórica dos estudos literários

A literatura é uma arte e, ao mesmo tempo, um importante meio de formação crítica do leitor literário. Enquanto manifestação artística, pode ser lida para a fruição estética; contudo, quando ensinada no contexto escolar, constitui-se também como um campo de conhecimento das Ciências Humanas, favorecendo a construção do pensamento crítico, interpretativo e reflexivo. Assim, embora não pertença às ciências exatas, a literatura não se afasta do rigor científico, uma vez que mobiliza conceitos, métodos e teorias próprios da investigação acadêmica. Nesse sentido, BRASIL (2007, p. 18), afirma que: “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa, ou melhor, que ela sabe algo das coisas que sabe muito sobre os homens”. Corroborando com este autor, Sartre (2004, p.118) evidencia que “o tema da literatura sempre foi o homem no mundo”. Desse modo, infere-se que a literatura é constituinte do campo de conhecimento das ciências humanas, sendo um instrumento facilitador para o aprendizado por fazer parte da vivência do ser humano em sua dialética diária. Ainda nesse contexto, Ette (2018, p.14) afirma que “a literatura está intrinsecamente entrelaçada com movimento e com os caminhos do conhecimento”. Logo, uma prática pedagógica ancorada na literatura, como já demonstrado, revela-se potente para qualificar os processos de ensino e aprendizagem, pois articula sensibilidade estética, reflexão crítica e produção de sentidos.

Ao mobilizar a experiência humana em sua complexidade, a literatura amplia horizontes interpretativos e favorece a construção de conhecimentos que dialogam diretamente com a realidade vivida pelos sujeitos, consolidando-se, assim, como um recurso didático formativo e humanizador no contexto educacional. Em consonância com a perspectiva humanizadora da literatura, ao compreender a leitura como um processo essencialmente dialógico, Piglia (2006,

p. 30) afirma que “frequentemente, o outro do leitor também está representado. Não apenas o que lê, como também quem enfrenta aquele que lê, com quem ele dialoga e negocia essa forma de construir o sentido que é a leitura”.

Nesse contexto, pensar o ensino de literatura como base para a formação do leitor (seja ele literário ou de texto não literário) é relevante, uma vez que todo o processo de escolarização se traduz no aprendizado da leitura para sustentar o aprendizado das demais ciências. Com o ensino de literatura na prática pedagógica, somado ao conhecimento de mundo do estudante, o processo de aprendizado fica fortalecido, e contribui, ainda, para a formação emocional do educando, favorecendo a resolução e o enfrentamento de conflitos.

Segundo aponta Candido (2017, p. 182) “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Sob essa premissa, é importante mencionar que o ensino de literatura, para além da formação leitora, também, desenvolve no leitor uma consciência reflexiva sobre si através das experiências do Outro. Acompanhando o pensamento de Candido, sobre o poder humanizador da literatura, Jouve (2012) afirma:

Em literatura, todo conteúdo está associado a um colorido emocional, que faz parte da informação transmitida pela obra. Podemos até mesmo afirmar que, diferentemente do que ocorre nas ciências, a principal informação de um texto literário é esse colorido emocional: um romance nos ensina muito pouco sobre o amor ou sobre a morte, mas infinitamente mais sobre a relação com o amor ou com a morte (Jouve, 2012, p. 101).

Nesse contexto, as leituras literárias têm o poder de interagir com o leitor, possibilitando reflexões sobre os temas existências. Outro autor que relaciona a literatura com nossa humanização, com a vivência é Cosson (2014, p.17) que ressalta: “é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”.

Dessa forma, é importante mencionar que a permanência da literatura na vida, no contexto escolar e extra muro, é uma realidade necessária, como

ressalta Calvino (1990, p.13): “minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”, porque a literatura, conforme já mencionado, reverbera nossa humanidade. Nesse sentido, Martins (2012, p.33), menciona que “a leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele”. Concordando com o pensamento de reverberação da literatura no contexto social, Iser (1996, p. 139) menciona que “à medida que o texto evidencia um aspecto deficitário do sistema, ele oferece uma possível compreensão do funcionamento do sistema. Ou seja, o texto revela algo em que estamos metidos”.

Para Calvino (1990) a literatura tem como base a incompletude e o desassossego presente no ser humano:

É certo que a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal como ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imortalidade das palavras mudas (Calvino, 1990, p. 67).

No trecho de Calvino, o autor sugere que a literatura nasce de uma disposição interior muito particular do ser humano: a **inclinação à introspecção** e a um certo **desassossego diante do mundo tal como ele se apresenta**. Para Calvino, não é a plena satisfação com a realidade que gera a escrita literária, mas justamente o incômodo, a inquietação e o desejo de ir além do que é imediato e visível.

Ao mencionar “esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imortalidade das palavras mudas”, o autor destaca o caráter quase contemplativo e atemporal do fazer literário. A literatura seria, assim, fruto de sujeitos que se retiram momentaneamente do fluxo acelerado da vida cotidiana para mergulhar no universo silencioso das palavras, buscando nelas uma forma de permanência, de sentido e de transcendência, ou buscando um refúgio, uma compreensão para as incompletudes internas, uma resposta para as crises existenciais.

Dessa forma, Calvino (1990) pontua que a literatura não surge da superficialidade da experiência, mas de uma atitude reflexiva, solitária e profunda, na qual o escritor transforma sua inquietação existencial em linguagem, criando obras que ultrapassam o tempo e dialogam com diferentes

gerações de leitores. Na mesma linha de pensamento de Calvino, Candido (2017) afirma que:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido 2017, p.177).

No trecho citado, o autor defende a ideia de que a literatura não é um luxo, nem um adorno cultural, mas uma **necessidade humana universal**. Ao afirmar que ninguém passa vinte e quatro horas sem mergulhar em alguma forma de ficção ou poesia, Candido amplia o conceito de literatura para além do livro, compreendendo-a como toda manifestação simbólica que permite ao ser humano imaginar, narrar, fantasiar e dar sentido à própria existência.

Ao afirmar que a satisfação dessa necessidade “constitui um direito”, o autor atribui à literatura um **caráter ético e social**: o acesso à leitura literária deve ser garantido a todos, pois ela participa diretamente da formação humana, emocional e intelectual dos sujeitos, não podendo ser relegada ao contexto de uma minoria elitizada, mas que esteja ao alcance de todas as pessoas, o que defendemos, sobretudo, no ensino escolarizado, fazendo parte das práticas pedagógicas.

Desse ponto de vista, compreende-se que a leitura literária é constituinte da experiência humana, pois alimenta a imaginação, amplia a compreensão do mundo e favorece a construção da sensibilidade e do pensamento crítico, configurando-se como elemento indispensável no processo formativo do indivíduo.

Assim sendo, a leitura literária encontra-se intrinsecamente vinculada à leitura de mundo que cada sujeito carrega em si. Logo, o ato de ler extrapola a decodificação de palavras, constituindo-se como um processo dialógico entre o texto e as experiências, memórias, valores e vivências do leitor. É nessa junção entre o universo simbólico da obra e o conhecimento prévio de mundo do leitor, que se produz o sentido, tornando a leitura uma prática singular, crítica e profundamente humana.

Aprofundamento teórico sobre literatura tocantinense

Nome é testemunho da existência e
delimitação da fronteira de todas as coisas.

Paulina Chiziane

De acordo com Ottmar Ette (2018), “literatura é um Escrever Entre Mundos”, pois para ele a literatura é transcultural, é sem morada fixa, pensamento com o qual concordamos. Entretanto, aceitar que a literatura não tenha morada fixa, não implica em defender uma literatura sem identidade cultural e desterritorializada. Mas quando a literatura tocantinense é lida e apropriada pelo leitor ela passa a ser uma literatura do mundo, porque quando o texto é lido ele passa a ser do leitor, independentemente do contexto geográfico.

De modo geral, a literatura é percebida como um produto social e, por conseguinte, é cultural, registra os *modus vivendi* de uma sociedade, logo, é delimitada por fronteiras, e tem nome que a identifica com sua localidade. Por exemplo: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura africana, literatura clássica greco-romana e literatura tocantinense. Nesse sentido, Paulina Chiziane (2000) afirma que:

O que não tem nome é anônimo, e anônimo significa inexistente, ou quase inexistente. Nome é testemunho da existência e delimitação da fronteira de todas as coisas. De que valeria a continuação da espécie se não carregasse consigo a continuação do nome da família, de um grupo, da etnia ou da nação inteira? (Chiziane, 2000, p. 59).

Frente ao exposto, o nome é uma afirmação de existência, de personalidade e de continuação. Dessa forma, o termo Literatura Tocantinense é a definição de uma literatura que existe e que representa uma cultura, uma continuação da identidade tocantinense. É relevante destacar que o nome não exclui o pertencimento ao todo, mas gera uma condição para existir.

Lysias Rodrigues (2001) menciona que todo nome está ligado intrinsecamente à noção do batismo ou de alguma característica relevante do objeto nomeado, como por exemplo, a literatura tocaninense, nomeação firmada no território ao qual pertence dentro de um todo constituído por outras literaturas.

A literatura tocaninense está ainda em processo de crescimento, é relativamente jovem, assim como o Estado Tocantins. Sua afirmação começou na década de 90 com a criação das primeiras Academias de Letras, totalizando atualmente nove unidades, sendo que a mais nova é a Academia de Letras e Artes de Babaçulândia – ALBA. Como toda literatura, a literatura tocaninense é viva e demonstra a cultura e o meio ambiente tocaninense.

Importa mencionar ainda, a contribuição teórica de Rubens Martins da Silva, ao diferenciar os conceitos de Literatura Tocantinese e Literatura Produzida no Tocantins. Conforme explicitado em seu artigo *Caracterização e análise da Literatura Tocantinese (2025)*, a Literatura Tocantinese é aquela que faz referência direta ao Estado do Tocantins, seus modos de vida, memórias e representações culturais, enquanto a Literatura Produzida no Tocantins refere-se às obras escritas no território, mas que apresentam narrativas de caráter universal, sem necessariamente dialogar com o contexto local.

[...]. A produção literária no Estado do Tocantins assume o comportamento espiralar de uma dimensão poética que é vista como “Literatura Produzida no Tocantins” ou “Literatura Tocantinese”, pois o que interessa é destacar a existência de autores e obras à espera de leitores (Silva; McCoy, 2025, p. 40).

A literatura tocaninense é composta por uma vasta variedade de contos, crônicas, prosas, poesias, romances e literatura de cordel. Estas obras são ambientadas tanto no espaço urbano quanto no meio ambiente natural, demonstrando o desenvolvimento da tecnologia e da biodiversidade tocaninense. Nesse contexto, será apresentada uma pequena mostra das obras da literatura tocaninense: livros *Pai da Mata*, *Ritxoko* (dentre outros) de Irma Galhardo, *Contos, crônicas e poesias no Tocantins* (livro eletrônico), Organizado por: Rubens Martins da Silva e Súsie Fernandes Santos Silva, meus poemas luso-tocantineses, de Wallace Rodrigues, *O Quati* e outros contos, de Fidêncio

Bogo, Desabrochando em Versos, de Symone Elias, mas existem muitas outras que este estudo não mencionou.

Para além de sua constituição histórica e institucional, a literatura tocantinense pode ser compreendida, também, em sua dimensão estética e simbólica. Ela é fractal em sua forma, é fruição em sua experiência, é reflexão em seu sentido e é resistência presente em suas narrativas. O fractal sugere que cada parte contém o todo: um conto carrega uma cosmovisão, um verso reflete uma cultura, uma personagem espelha conflitos universais. A literatura se repete e se reinventa em escalas diferentes – do íntimo ao coletivo, do local ao mundial.

Ela não existe apenas para ensinar ou denunciar; ela também existe para fruição, afetar, encantar, suspender o tempo que resgata o leitor sensível, não apenas o leitor funcional, mas também para sua essencial contribuição com a formação do leitor literário. E sendo lida para reflexão ela convoca pensamentos e confronta dilemas humanos, questiona verdades naturalizadas, contribui para o pensar sobre nós mesmos e o mundo. Como toda literatura ela não entrega respostas prontas, pois sua ênfase está centrada em provocar novas perguntas.

Como literatura de resistência fomenta reflexão contra a homogeneização, o silenciamento e o esquecimento. É uma resistência simbólica, cultural, histórica, subjetiva, tais como as literaturas periféricas, femininas, africanas, indígenas sob a égide de literaturas que insistem em existir. Todavia, mencionar literaturas periféricas não é o mesmo que estar afirmando que são literaturas menores e inferiores, mas que são literaturas não canonizadas, conforme o cânone literário oficial.

A literatura tocantinense, quando ambientada em seu território, revela a biodiversidade local com verossimilhança estética e simbólica, ainda que a narrativa literária não tenha compromisso com a verdade factual, a literatura se alimenta do real e o ressignifica. Como afirma Piglia (2006, p. 28), “não se lê a ficção como mais real do que o real, mas o real perturbado e contaminado pela ficção”.

Assim, ao se apropriar das narrativas por meio da leitura, o leitor torna-se um tradutor, interpretando e reconstruindo os sentidos produzidos pelas

descrições do ambiente. Na leitura dos textos da literatura tocantinense, visualizam-se cachoeiras, rios, paisagens emblemáticas como a Pedra Furada no Jalapão, cidades históricas, além da riqueza da fauna e da flora. Mais do que ver, o leitor sente: os amores declarados e clandestinos, as tensões, os afetos e as memórias que atravessam as narrativas. Tudo é experimentado com intensidade, tal qual é a própria literatura, sobretudo a tocantinense. Neste contexto, seguindo o que o estudo postula e já problematizado na seção anterior, pensar o ensino de literatura na prática pedagógica, com ênfase na literatura local, como forma de potencializar a formação leitora, exige um fazer pedagógico contextualizado, que privilegie o protagonismo do aluno, sua interação social e seus conhecimentos prévios.

Nesse sentido, a literatura pode constituir-se como base para a formação do leitor literário, desde que compreendida como uma prática social e cultural, e não apenas como um instrumento pedagógico, uma vez que a literatura é, fundamentalmente, um produto social. Nesse contexto, o Documento Curricular do Território do Tocantins (DCT/TO) destaca a importância da inclusão da literatura tocantinense na grade curricular. O documento orienta que essa inclusão ocorra de forma gradual privilegiando os autores e sua localidade, e posteriormente introduzir os autores estaduais e regionais. Essa orientação objetiva “ressaltar e valorizar a literatura local e regional de forma ampla, potencializando o conhecimento cultural, artístico e sociolinguístico adquiridos pelas leituras das obras literárias tocantinenses” (Tocantins, 2022, p. 28). Nesse sentido, o DCT/TO trata dos estudos literários em prol da fruição estética comunicativa. Nesse sentido, destaca-se que a escrita literária favorece o alcance de expressivo do conhecimento, pois o exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolvimento com questões sociais.

Especificamente, a análise da obra literária tocantinense, registrada na próxima seção deste artigo, está vinculada aos conteúdos mínimos estabelecidos no DCT/TO. Isso significa o foco destes conteúdos deve primar por uma relação direta como os escritores locais.

Relação entre os gêneros em circulação no campo jornalístico-midiático, mídias locais, regionais, nacionais, globais e práticas da cultura digital. Mapeamento de práticas do campo artístico-literário, considerando a literatura tocantinense impressa e digital (Tocantins, 2022, p. 40).

É relevante reafirmar que a literatura regional não se orienta pela exposição do exótico ou do pitoresco; antes, constitui-se como espaço de enunciação da comunidade local e da pessoa comum. Ao valorizar experiências, memórias e modos de vida específicos, fortalece o pensamento situado sem romper com o horizonte global, contribuindo para reduzir as distâncias simbólicas entre centro e periferia. Nesse sentido, a literatura tocantinense é territorializada, mas também é um desdobramento da literatura universal produzida no Estado Tocantins.

É uma arte que fortalece a identidade e proporciona a valorização da cultura e do meio ambiente local, mas, ao mesmo tempo, desponta na literatura universal, dialogando com temas, formas e sensibilidades que atravessam diferentes culturas e tempos históricos. Trata-se de uma arte que, ao narrar o cotidiano, os saberes populares, as tradições e as transformações sociais do estado, fortalece a identidade regional e amplia a consciência de pertencimento dos sujeitos. Além disso, essa produção literária contribui significativamente para a valorização da cultura local e para o reconhecimento do meio ambiente como elemento constitutivo da experiência humana, evidenciando a relação intrínseca entre homem, natureza e território.

Análise crítica de um texto da literatura tocantinense

A obra *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, de autoria da escritora tocantinense Irma Galhardo, constitui-se como objeto de análise deste estudo. A escolha da obra não se deu de forma aleatória, considerando a expressiva produção literária do estado do Tocantins; ao contrário, resultou de um processo criterioso, pautado na relevância da coletânea no contexto da literatura regional contemporânea, especialmente por sua capacidade de articular elementos da tradição popular com recursos estéticos diversificados.

A referida obra é composta por treze contos, dos quais foram selecionados um para análise neste trabalho: *Melancia e Coco Doce*. Tal recorte metodológico possibilita uma investigação mais aprofundada das estratégias narrativas e dos elementos temáticos presentes na escrita da autora. Nesse sentido, o texto é envolvente desde o primeiro parágrafo, pois, começa narrando a história de duas famílias de classes diferentes: “era uma vez um rei e sua filha, que tinha um amigo da mesma idade. O menino era filho de um senhor simples e as duas crianças sempre brincavam perto de um pé de maracujá que havia por lá” (Galhardo, 2023, p. 67).

De modo geral, o início da narrativa já chama a atenção para um desfecho dramático da história entre a princesa e seu amigo de infância. Ademais, o texto apresenta uma oralidade por meio dos versos cantado pela personagem que entrega o recado de Coco Doce para Melancia: “Melancia, Coco Doce lhe mandou outro recado, Melancia, Coco Doce lhe mandou que tu fosses na ramada onde era acostumado” (Galhardo, 2023, p. 69). Dessa forma, o leitor se envolve na leitura de modo visceral.

O conto *Melancia e Coco Doce* apresenta traços marcantes do romantismo, não apenas pela abordagem do amor impossível entre uma princesa e um jovem plebeu, mas também pela idealização dos sentimentos, pela valorização das emoções em detrimento das convenções sociais e pela presença de uma tensão entre desejo e realidade, características recorrentes dessa estética literária. A narrativa evidencia, portanto, uma construção simbólica em que o amor ultrapassa barreiras sociais, ainda que se depare com limites impostos pela estrutura hierárquica vigente.

Outro aspecto relevante do conto é a presença de intertextualidade com o romance da literatura de cordel *Coco Verde e Melancia (Armando e Rosa)*, de autoria de José Camelo de Melo Resende. Tal diálogo intertextual não se restringe a uma simples referência, mas atua como mecanismo de ressignificação cultural, ao aproximar a narrativa de Irma Galhardo das tradições populares nordestinas. Nesse sentido, a autora mobiliza elementos da oralidade e da memória coletiva, conferindo à obra uma dimensão cultural que ultrapassa o plano ficcional e se insere no campo das identidades regionais.

A utilização da intertextualidade pode ainda ser compreendida à luz de práticas literárias mais amplas, como aquelas observadas em Fernando Pessoa em *Mensagem*, que estabelece diálogos com a tradição literária anterior, especialmente com Luís de Camões em *Os Lusíadas*. No entanto, diferentemente da perspectiva erudita presente nesses autores, a escrita de Irma Galhardo aproxima-se mais da cultura popular, evidenciando um movimento de valorização das raízes culturais brasileiras e, em particular, nordestinas.

Além disso, o conto se destaca pela alternância entre verso e prosa, recurso que contribui significativamente para a construção de um ritmo narrativo dinâmico e expressivo. Essa mescla de formas não apenas enriquece a estrutura textual, mas também aproxima a narrativa da tradição oral, conferindo-lhe musicalidade e ampliando as possibilidades de interpretação. Tal característica favorece uma leitura mais envolvente, permitindo que diferentes perfis de leitores estabeleçam conexões com o texto em distintos níveis de compreensão, por exemplo:

De cima da serra branca
Desceu um caboclo taquara
Levando um sol pela cara
E a lua pelos ouvidos
Na casa da Conceição
E do ingrato do Emílio (Galhardo, 2023, p. 69).

A dinâmica presente na leitura da prosa confere fluidez ao texto e captura a atenção do leitor, despertando nele o desejo de prosseguir na leitura. A narrativa, marcada pela versatilidade, suscita no leitor o reconhecimento de experiências vividas em um passado não tão distante, ao evidenciar questões sociais que permanecem atuais. Entre elas, destaca-se o preconceito de classe social, que, embora tenha sofrido atenuações ao longo do tempo, ainda se faz presente na realidade brasileira, sendo problematizado pela obra de forma sensível e crítica.

Dessa forma, a análise do conto evidencia que a obra de Irma Galhardo se insere em um contexto de valorização da diversidade estética e cultural, articulando elementos do romantismo, da literatura popular e de recursos formais inovadores. Assim, a literatura tocantinense revela-se como um campo fértil de produção simbólica, capaz de dialogar com diferentes tradições e de contribuir significativamente para o enriquecimento da literatura brasileira contemporânea.

Nesse sentido, a análise de uma obra literária, evoca vários conhecimentos e memórias afetivas, que não se limita a uma lembrança individual, mas assume o estatuto de **categoria interpretativa**, pois permite compreender como a narrativa literária representa práticas sociais concretas, compartilhadas por diferentes sujeitos em contextos históricos semelhantes. A literatura, assim, opera como um espaço privilegiado de articulação entre a experiência pessoal e a experiência coletiva, pois permite que vivências individuais encontrem ressonância no contexto social, histórico e cultural em que estão inseridas.

Ao mesmo tempo em que promove a fruição estética, a obra literária possibilita a reflexão sobre valores, memórias, identidades e modos de vida que constituem a comunidade à qual pertence. Nesse sentido, confirma-se a afirmação de que a Literatura Tocantinense se configura “tanto prática estética quanto prática social” (Silva, 2025, p. 35), uma vez que suas narrativas não apenas expressam sensibilidade artística, mas também registram, interpretam e problematizam as experiências do povo tocantinense, contribuindo para a construção de sentidos, pertencimento e consciência crítica.

Sob essa perspectiva, afirmamos que a obra analisada contribui de modo significativo para a consolidação do cânone literário tocantinense, ainda em processo de constituição, ao legitimar narrativas, memórias e experiências historicamente situadas no território local. Sua inserção no contexto da educação básica revela-se pedagogicamente potente, sobretudo quando trabalhada a partir de uma abordagem interdisciplinar, capaz de articular os campos da Literatura, da História e da Geografia do Tocantins, ao dialogar com princípios do letramento literário, compreendido como prática social, crítica e formadora (Cosson, 2014).

Desse modo, a obra possibilita ao estudante não apenas a fruição estética, mas também a construção de sentidos ancorados na identidade cultural e no pertencimento territorial. Nesse sentido, sua abordagem pedagógica coaduna-se com as orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), ao valorizar a diversidade cultural, os saberes locais e a formação integral do sujeito, contribuindo para uma perspectiva de ensino comprometida com a descolonização do currículo e com a valorização de vozes historicamente marginalizadas no espaço escolar.

De modo geral, a BNCC é um documento normativo que especifica o que se busca por meio das Competências Gerais instituídas para execução na Educação Básica. Nesse sentido, as competências 3 e 6 são fundamentais porque apontam para a importância da fruição das manifestações artísticas, bem como da valorização das diversidades culturais, a saber:

Competência 3: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

Competência 6: Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 10).

O foco destas competências está alinhado com o ensino voltado para as práticas sociais e locais privilegiando uma educação integral do sujeito educando. Estas orientações permeiam toda a BNCC (Brasil, 2018), não se restringindo a estas páginas descritas acima. Nesse sentido, é importante observar que,

Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2018, p. 13).

Portanto, a obra *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, reafirma o papel da literatura como espaço de preservação da memória social e de reflexão crítica sobre a vida cotidiana, e se constitui como literatura tocantinense uma vez que retratou uma prática cultural ambientada no Estado e escrita por uma tocantinense, ainda que esta prática tenha sido universal.

Considerações finais

A análise do conto *Melancia e Coco Doce*, de *Era uma vez... na Barra da Aroeira*, de Irma Galhardo, conforme o aporte teórico usado neste estudo, confirmou a hipótese inicial de que a literatura tocantinense, quando trabalhada pedagogicamente, favorece tanto a fruição estética quanto a formação do leitor literário crítico e consciente de sua cultura local. Observou-se que os elementos intertextuais, a presença da oralidade, a alternância entre verso e prosa e o diálogo com a tradição popular evidenciam a riqueza estética dessa produção literária.

Além disso, o estudo reafirma a importância da inserção gradual da literatura local nas práticas pedagógicas, conforme orientam documentos curriculares, fortalecendo o pertencimento cultural e reduzindo distâncias simbólicas entre o local e o universal. Dessa forma, a literatura tocantinense revela-se não apenas como expressão artística, mas como campo de conhecimento das Ciências Humanas, essencial para a formação integral do sujeito.

Conclui-se, portanto, que valorizar e ensinar a literatura tocantinense é contribuir para a consolidação de um cânone regional, para o reconhecimento da identidade cultural e para o desenvolvimento de leitores sensíveis, reflexivos e culturalmente situados. Outrossim, compreendida como produto social, a literatura não se oferece a uma leitura ingênua; ao contrário, convoca o leitor a uma postura crítica, ampliando suas formas de compreender a realidade e possibilitando novas maneiras de estar no mundo. Assim, a literatura tocantinense, enquanto parte integrante do conjunto da produção literária,

configura-se como um suporte significativo para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural do educando em todas as etapas e dos níveis escolares.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cutrix, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

ETTE, Ottmar. **Escrevendo Entre Mundos**: literaturas sem morada fixa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GALHARDO, Irma. **Era uma vez... na Barra da Aroeira**. 2. Ed. Palmas, TO, 2023.

GALHARDO, Irma. **Epopeia Tocantinense**. Palmas, 2012.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo, 1996.

JOUE, Vincent. **Por que estudar literatura?** —São Paulo: Parábola, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RESENDE, José Camelo de Melo. **Coco Verde e melancia**. Folheto de cordel.

SILVA, Rubens Martins da. *Caracterização e análise da Literatura Tocantinense*. **Revista Humanidades e Inovação**, ISSN 2358-8322, Palmas-TO, v. 12, n. 5, 2025. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9882>. Acesso em: 12 jan. 2026.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Lysias Augusto. **O Rio dos Tocantins**. Palmas (TO), 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Editora Ática, 2004.

TOCANTINS. Secretaria da Educação. DCT - Documento Curricular do Território do Tocantins. Etapa Ensino Médio. Palmas: SEDUC, 2022. Disponível em: [URL específica do caderno]. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/documento-curricular-do-territorio-do-tocantins-dct-to-etapa-ensino-medio/4hdqnsjj0uwt>. Acesso em: 29 jan.2026.

Recebido em 30 de março de 2026.

Aceito em 4 de abril de 2026.